

1 Introdução

Muito se escreve sobre a arquitetura e seus conceitos de espaço e lugar. O que é o espaço? O que vem antes ou depois dele? Existe algo além dele? O que é o lugar? Existe diferença entre ambos? Existe neles alguma duração?

Vários arquitetos, quando se questionam sobre o que é a arquitetura, acabam por refletir sobre a questão do espaço. Bruno Zevi, por exemplo, ao afirmar que as quatro fachadas de um edifício constituem apenas “a caixa dentro da qual está encerrada a joia arquitetônica”¹, isto é, o espaço, coloca este elemento como o verdadeiro protagonista da arquitetura. Para ele, “a arquitetura não provém do conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente deste vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem.”². Porém, qual é a definição deste principal elemento com que a arquitetura trabalha, que tanto a referencia e que, sozinho, não é capaz de defini-la? Qual é o modo de ser do espaço? Se nele está contido o mundo, existe algo além dele capaz de delimitar suas fronteiras? A literatura corrente distingue o espaço de diferentes maneiras: como geometria tridimensional; como campo perceptual; como estrutura algébrica similar; como intervalo unitário invisível; e/ou tudo o que não é ocupado por um corpo físico. Entretanto todos os conceitos são limitados porque a experiência cotidiana do homem não tem lugar num espaço homogêneo e vazio, mas ocorre num espaço que se caracteriza por diferenças e características concretas, reais.

É fato também que o pensamento da arquitetura por muitas vezes tem se limitado aos significados semiológicos, às necessidades funcionais, às buscas de inovações tecnológicas ou à investigação de formas inusitadas. Daí a importância de pensar a arquitetura também sob o ponto de vista da filosofia.

Considero importante investigar o significado da arquitetura segundo as definições e as origens desses dois conceitos: o espaço e o lugar; porque o espaço é o abrigo da ação dentro de um determinado tempo, o “vazio” onde se inscrevem as relações entre observador e objeto; porque entendo que o espaço é o lugar onde se estabelecem as relações humanas. Lugar é o espaço ocupado, ou seja, habitado,

¹ ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 20.

² Id. *Ibid.*, p. 18.

termo este que acrescenta à ideia do espaço um novo elemento: a ação do homem. O espaço ganha, então, significado na presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente, seja para servir de palco para as suas atividades. Uma das questões da arquitetura é como explorar um espaço para transformá-lo num lugar de interações infinitas, capaz de enriquecer as relações através das quais existimos, tornando a experiência da vida mais rica e profunda.

Se o espaço ganha significado com a presença do homem, pensar nesse significado é, portanto, ponderar sobre o “estar-no-mundo” do homem, o que me parece fundamental uma vez que este feito atualmente tem resultado em graves problemas ambientais e em construções que não estão fornecendo – em sua maioria – verdadeiras possibilidades para o habitar do homem. O que podemos perceber agora é uma dificuldade de construir lugares. Prevalece no ensino das escolas de arquitetura e na prática profissional do arquiteto um desinteresse em pensar para além do sistema construtivo, da busca de novas formas e da invenção do espaço como um fim em si mesmo. Percebe-se um esvaziamento dos programas universalistas e interdisciplinares, a redução da expressão arquitetônica à cultura do consumo, e a não identificação com o que é sugerido desejar. A crise do habitar se relaciona, então, à crise do ser. Neste sentido o mergulho no pensamento de Martin Heidegger torna-se fundamental.

Este trabalho se propõe a investigar o pensamento de Martin Heidegger a respeito do espaço, do lugar, do construir e do habitar. Embora este filósofo não tenha dedicado seus escritos diretamente à arquitetura, o tema da habitação do homem está presente no seu pensamento, pois seu conceito de “ser-no-mundo” supõe o habitar. O “ser-aí”, *dasein*, no seu simples existir, configura o próprio espaço-tempo; ele possui existência enquanto espacializa e temporaliza. Assim, o ser pensado por este filósofo possui um vínculo ontológico com a noção de espaço, de lugar e de habitar. Acredito que o estudo do pensamento de Heidegger, que nos faz pensar sobre o que significa o ser, pode ajudar a restabelecer caminhos para uma ressignificação da Arquitetura e da sua possibilidade de contribuir para o habitar do homem neste mundo, nesta terra.

Não tenho a ambição de encontrar respostas conclusivas ou de esgotar o problema do espaço e do lugar em Heidegger, muito menos tenho a pretensão de encontrar “A” solução para o problema do habitar do homem na terra. Quero

apenas dar “espaço” e “lugar” para essas reflexões e, nesse sentido, desenvolvo esta dissertação em três capítulos e uma conclusão.

O primeiro capítulo é dedicado à investigação do pensamento de Martin Heidegger, situando-o no contexto da modernidade. Temos que explorar neste momento a consideração heideggeriana de que a história da metafísica foi, até sua contemporaneidade, a história do esquecimento do ser, e que pensar o ser para este filósofo tornara-se urgente. Devemos investigar o “ser-aí” como “ser-no-mundo” e sua ligação ontológica com o espaço, o lugar e o habitar; para tanto, será necessário olhar para conceitos como mundo, lugar, espaço, tempo, habitar e linguagem. Pretendo abrir espaço para a questão da verdade absoluta, da incapacidade de se racionalizar sobre ela, e da sua abertura em face da arte, em oposição a sua timidez diante do pensamento tal como o conhecemos hoje. A verdade, afinal, está sempre condicionada às possibilidades de significação dadas pelo seu tempo-espaço.

No segundo capítulo será abordado o conceito de arte como acontecimento da verdade, como abertura do mundo. Tendo como caminho a leitura do livro *A Origem da Obra de Arte*, do próprio autor, vamos buscar nessas linhas indícios de que a arte pode reunificar o ser com o mundo, sendo capaz de fazer habitar o mundo e nos trazendo uma experiência desalienada dele. Veremos, neste contexto, conceitos desenvolvidos por Heidegger como o mundo e a terra, confiabilidade e salvaguarda. Exploraremos o conceito de coisa e mergulharemos nos exemplos do quadro de Van Gogh e do templo grego, explorando o copertencimento entre a obra e seu “lugar” e o habitar poético.

No terceiro capítulo colocaremos em questão a arquitetura enquanto arte criadora de espaços, capaz de dar corpo ao mundo, de abrir espaços para o habitar do ser-aí, de possibilitar o reencontro, a cada vez, do homem com o paraíso perdido. Nesse momento serão investigados alguns escritos de Heidegger, como “Construir, habitar, pensar – quando ele usa o exemplo da “ponte” –, e como *A Caminho da Linguagem* – quando usa o poema “Uma Tarde de Inverno”, de Georg Trakl, para explicar a natureza da linguagem. Exploraremos o conceito de quadratura e como este conceito pode contribuir para que a arquitetura recupere sua missão de doadora de espaços, de abrigo das ações, de habitação para o ser. Neste capítulo também teremos como guia artigos de Christian Norberg-Schulz, Kenneth Frampton, Raimund Abraham, Juhani Pallasmaa e Vittorio Gregotti,

todos arquitetos que trabalham o potencial fenomenológico da arquitetura. Exploraremos o conceito de Marc Augé sobre os não-lugares, usando uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino como materialização poética do não-lugar, ícone da arquitetura contemporânea, que acontece quando a quadratura é esquecida. Temos que percorrer o pensamento moderno objetivador e subjetivista e refletir como este provoca a alienação e o sentimento da angústia do estrangeirado, da solidão e do não pertencimento a “algum lugar”, em extrema contradição para com a condição originária do ser de “ter lugar”.

Na conclusão pretendo falar da crise do habitar enquanto crise do ser, e da crise do ser enquanto possibilidade para ser.

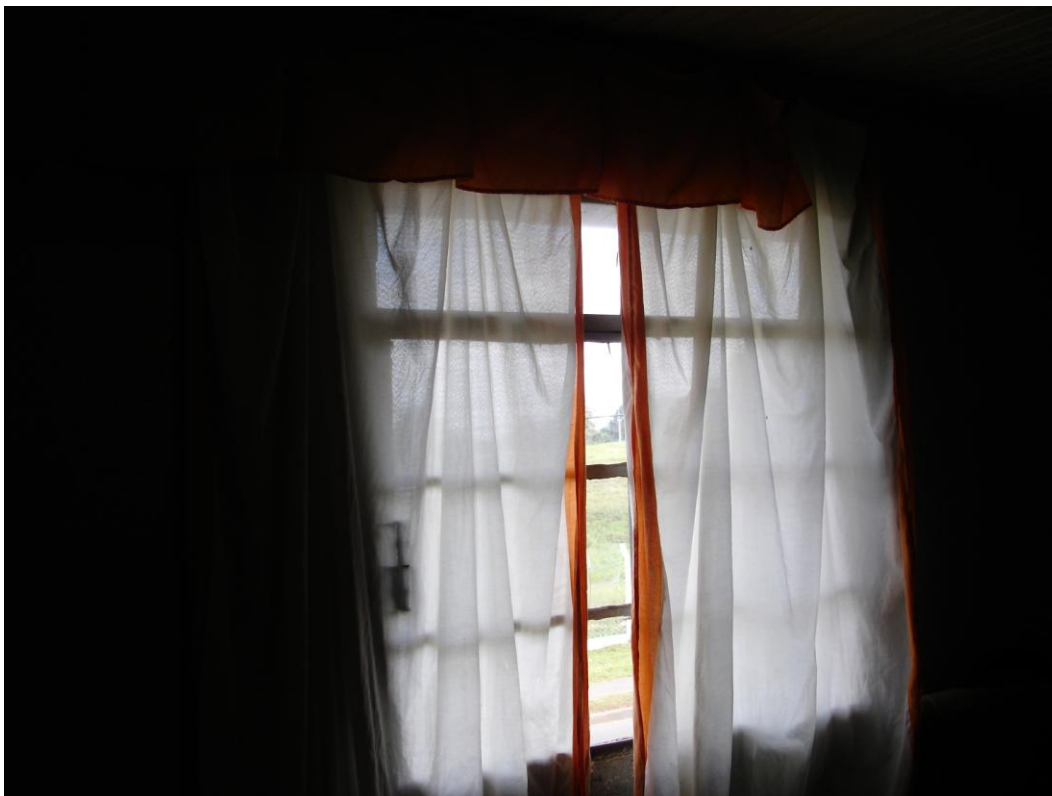


Ilustração 1 - Residência na cidade Industrial de Curitiba. Autoria própria. 2009